

## OS MONOCULTIVOS E AS FLORESTAS NO SUL DO BRASIL

GABRIEL ARTUR ROESLER<sup>1,2\*</sup>, SAMIRA PERUCHI MORETTO<sup>2,3</sup>

### 1 Introdução

A partir da década de 1960, o Sul do Brasil passou por profundas transformações ambientais motivadas por políticas de incentivo à introdução de monoculturas em larga escala, principalmente voltadas para espécies exóticas como *Pinus spp*, *Eucalyptus spp* e, posteriormente, a soja. Essas práticas modificaram drasticamente a paisagem, substituindo ecossistemas nativos como a Floresta de Araucária. A substituição desses biomas por monocultivos não foi apenas uma mudança física no território, mas um processo de reestruturação ideológica do uso da terra, impulsionado por interesses econômicos e políticas estatais.

Contudo, o processo de transformação ambiental ocasionada por espécies exóticas ocorreu em dois contextos: Para a silvicultura, utilizou-se, principalmente, do Pinus e do Eucalipto, já para atender aos interesses da agroindústria, inicialmente incentivou-se o cultivo de milho e, posteriormente o da soja. Nesse contexto, a pesquisa propõe analisar, sob a perspectiva da História Ambiental, as consequências históricas e socioambientais da expansão dessas monoculturas no Sul do país, investigando como o modelo agroindustrial moldou o território e comprometeu ecossistemas nativos, mas, também, a relação entre a terra e quem vive nela.

### 2 Objetivos

O objetivo central da pesquisa é analisar as práticas de plantio de monocultivos em áreas anteriormente ocupadas pela Floresta de Araucária no Sul do Brasil, a partir de 1960. Dentre os objetivos específicos buscou-se compreender a influência de legislações como o Código Florestal e políticas da ditadura militar na introdução de espécies exóticas; analisar os esforços de conservação e a criação de áreas protegidas na região; mapear as áreas mais

1 Graduado em História, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus Chapecó*, contato: [gabriel.roesler534@gmail.com](mailto:gabriel.roesler534@gmail.com)

2 Grupo de Pesquisa Fronteiras: Laboratório de História Ambiental da UFFS

3 Professora Doutora do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal da Fronteira Sul e da Universidade Federal de Santa Catarina, **Orientadora.**

afetadas por monoculturas;

### 3 Metodologia

O presente projeto foi desenvolvido tendo como base a teoria da História Ambiental, uma vertente de análise do campo da historiografia. A abordagem proposta pela História Ambiental rompe com a visão tradicional da história ao reconhecer a interação mútua e dinâmica entre a humanidade e o restante da natureza como um dos motores da história. Contrariando a premissa de que a experiência humana estaria isenta das restrições naturais, a História Ambiental aprofunda a compreensão de como os seres humanos são afetados pelo ambiente natural e, de forma igualmente crucial, como suas ações impactam o meio ambiente e quais são as consequências dessas transformações (Worster, 1990). Ou seja, a relevância deste campo, para o presente trabalho, reside na centralidade da ideia que a natureza não apenas existe, mas muda, tanto por si só quanto em virtude das ações humanas, alterando, assim, o contexto em que a história humana se desenrola (McNeill, 2003).

A História Ambiental é inerentemente interdisciplinar, buscando subsídios de uma vasta gama de disciplinas, desde a antropologia até a zoologia. Ela estabelece fronteiras e conexões com campos como a geografia histórica, ecologia histórica, climatologia, história das doenças, história econômica e história da ciência e tecnologia (McNeill, 2003). Essa característica exige que os pesquisadores adquiram uma interdisciplinariedade científica, familiarizando-se com conceitos e dados de áreas quais não necessariamente são familiares. Conforme Alfred W. Crosby (1995, p. 1189, tradução nossa), os historiadores ambientais demonstram uma notável flexibilidade ao "saltar sobre a cerca de arame farpado que divide as humanidades das ciências", utilizando-se de artigos e livros de geologia, demografia, meteorologia, epidemiologia e agronomia, entre outros.

Neste sentido, a pesquisa adota uma perspectiva que se alinha aos três níveis de investigação propostos por Donald Worster (1990), sendo estes, de forma resumida, o primeiro: A compreensão de como a natureza era organizada e funcionava antes de processo antrópico. Já o segundo nível busca analisar como que as técnicas, tecnologias, formas de produção, entre outros aspectos da interação humana reestruturaram e transformaram a relação entre ser humano e mundo natural. Nesse segundo aspecto, vale a ressalva de que: Worster (1990) descreve as monoculturas (como as analisadas no presente trabalho), como uma simplificação radical de a ordem ecológica natural, onde há uma redução de diversidade

de espécies.

E o terceiro nível trata-se de como as ideias, valores, mitos, bem como, políticas impulsionaram e justificaram as mudanças ambientais. Em torno disto, busca-se a análise das políticas de incentivo à introdução de espécies exóticas e as legislações, como o Código Florestal de 1965, que subsidiaram essas transformações e reestruturaram o uso da terra transformando a natureza em apensar recursos para o consumo Richard White (1990) destaca a importância de reconhecer o papel dos julgamentos de valor e crenças na reestruturação da natureza, indo além da mera lógica instrumental. Assim, a pesquisa investigou como a agroindústria se inseriu no mercado internacional e como os discursos colonialistas de progresso e desenvolvimento influenciaram e legitimaram a transformação da paisagem no Oeste Catarinense. Para a realização da pesquisa utilizou-se como fontes documentos oficiais, como relatórios governamentais, legislações estaduais, municipais e federais. Além disso, mapas da região, relatórios informativos produzidos por instituições como o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), entre outros.

#### **4 Resultados e Discussão**

Através das atividades desenvolvidas durante a bolsa, foi possível identificar a inserção de espécies exóticas em territórios antigamente ocupados por uma vegetação nativa da região sul. Um dos casos avaliados durante o período da bolsa foi o da inserção da soja em territórios indígenas da região sul. Na década de 1970 ocorreu a retomada de terras empregada pelos Kaingang da TI de Nonoai, localizada no noroeste do Rio Grande do Sul, após ocupação de posseiros imigrantes. Percebeu-se a profunda modificação do meio natural no território, devido a introdução de monocultivo naquelas terras.

Além disso, foi realizado, ao longo dos meses, um trabalho de organização, limpeza, digitalização e catalogação de arquivos da Floresta Nacional de Chapecó e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. O objetivo da organização dos acervos é possibilitar o acesso a uma grande quantidade de fontes primárias vinculadas ao meio natural da região do Oeste Catarinense. Ao longo do trabalho com as fontes, bem como sua organização, percebeu-se a grande quantidade de dados de produção (como fichas de silvicultura da própria FLONA), o que abre espaço para diferentes tipos de trabalhos a serem produzidos.

## 5 Conclusão

A pesquisa evidenciou que a expansão dos monocultivos no Sul do Brasil a partir da década de 1960, especialmente com a introdução de espécies exóticas como Pinus, Eucalipto e soja, transformou profundamente a paisagem natural e comprometeu, mesmo que parcialmente, ecossistemas nativos como a Floresta de Araucária. Contudo, essas mudanças foram impulsionadas por políticas estatais e discursos de desenvolvimento que privilegiaram interesses econômicos em detrimento das práticas tradicionais e da diversidade ecológica. Portanto, a partir da perspectiva da História Ambiental, foi possível compreender como essas transformações não ocorreram apenas no plano físico, mas também ideológico, reconfigurando a relação entre os seres humanos e a terra. Além disso, o trabalho com arquivos históricos, especialmente da Floresta Nacional de Chapecó e do IBAMA, possibilitou a ampliação ao acesso de fontes relevantes para novas pesquisas.

## Referências Bibliográficas

CROSBY, Alfred Worcester. The Past and Present of Environmental History. **The American Historical Review**, [S.L], v. 100, n. 4, p. 1177-1189, out. 1995.

MCNEILL, John Robert. OBSERVATIONS ON THE NATURE AND CULTURE OF ENVIRONMENTAL HISTORY. **History And Theory**, [S.L], v. 42, n. 4, p. 5-43, dez. 2003.

WHITE, Richard. Environmental History, Ecology, and Meaning. **The Journal Of American History**, [S.L], v. 76, n. 4, p. 1111-1116, mar. 1990.

WORSTER, Donald. Transformations of the Earth: toward an agroecological perspective in history. **The Journal Of American History**, [S.L], v. 76, n. 4, p. 1087-1106, mar. 1990.

**Palavras-chave:** História Ambiental; Monoculturas; Sul do Brasil.

**Nº de Registro no sistema Prisma:** PES 2024 - 0357

## Financiamento

**JIC** JORNADA DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
E TECNOLÓGICA

XV EDIÇÃO

Integridade Científica e  
Combate à desinformação

20 a 22  
de outubro

[uffs.edu.br/jic](https://uffs.edu.br/jic)

UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL

